

POR TRÁS DA MÁSCARA DE KANT: DECIFRANDO O EPISÓDIO DE TEMPLETON

Nicolau Henrique Batista¹

Resumo:

Abordamos *The Templeton Episode*, da CCRU, explorando suas implicações sobre o sujeito kantiano e sua relação com Yog-Sothoth, de Lovecraft. Com Anna Greenspan e Nick Land, retomamos a filosofia kantiana, argumentando que o sujeito transcendental se encontra em posição análoga à do númeno. Assim, o transcendental é tomado como exterior inapreensível, como as entidades de Lovecraft, revelando que o sujeito coincide com a Coisa que ultrapassa a razão.

Palavras-chave: Kant. Lovecraft. CCRU. The Templeton Episode.

Abstract:

We discuss CCRU's *The Templeton Episode*, exploring its implications for the Kantian subject and its relation to Lovecraft's Yog-Sothoth. Drawing on Anna Greenspan and Nick Land, we revisit Kantian philosophy, arguing that the transcendental subject occupies a position analogous to that of the noumenon. Thus, it is argued that the transcendental can be understood as an ungraspable outside, like Lovecraft's entities, revealing that the subject coincides with the Thing that exceeds reason.

Keywords: Kant. Lovecraft. CCRU. The Templeton Episode.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ e bolsista da CAPES. Graduado em Filosofia pela UERJ.

Prólogo

No conto *O depoimento de Randolph Carter*, de H. P. Lovecraft, o personagem relata o pouco que se lembra de sua última aventura com Harley Warren, que ocorrera em um antigo cemitério. Carregando um misterioso livro debaixo do braço, seu amigo adentra um túmulo que, quando descoberto, revelava uma estranha escadaria abaixo. “E por que Harley Warren não retornou, só ele ou sua sombra – ou alguma *coisa* inominável que não posso descrever – podem explicar” (LOVECRAFT, 2017, p. 92), diz Carter. O que Warren presenciou ninguém jamais saberá do que se trata, pois Carter obedeceu à solicitação de seu parceiro e permaneceu em cima, do lado de fora da tumba. Além disso, as descrições vindas de baixo não eram nada esclarecedoras: “*é terrível – monstruoso – inacreditável!*” (LOVECRAFT, 2017, p. 96). Após essas descrições (nada descritivas), Warren implora para que Carter feche a tumba e vá embora, até cair em um profundo silêncio, quebrado pelo chamado de seu companheiro que, relutantemente, permanecera em frente à sepultura aberta por todo o tempo. A resposta que Carter recebeu ao chamado não vinha de Warren, mas de uma voz “grave; oca; gelatinosa; remota; sobrenatural; inumana; desencarnada? (...) E o que ela disse, foi: ‘*IDIOTA! WARREN ESTÁ MORTO!*’” (LOVECRAFT, 2017, p. 99).

No texto *The Templeton Episode*, a CCRU (*Cybernetic Culture Research Unit*) afirma que o personagem Randolph Carter teria, devido a uma anomalia temporal, o professor Randolph Edmund Templeton como modelo. O depoimento de Carter foi escrito por Lovecraft em 1919 e publicado em 1920, período em que Templeton provavelmente não teria nem mesmo nascido. De todo modo, foi em sua aula de 21 de março de 1999, na Universidade de

Miskatonic, que Templeton “acordou repentinamente como a Coisa que se esconde por trás da máscara de Immanuel Kant, descobrindo coincidentemente a máquina do tempo transcendental”² (CCRU, 2022, p. 53). O que seria a máquina do tempo transcendental não fica claro no texto da CCRU, e é só na sequência que se esclarece que o coletivo se refere à gravura de Kant feita por J. C. Chapman, em que a mandíbula e o cabelo de Kant parecem indicar que o rosto seria, na verdade, uma máscara.

Templeton não acreditava na possibilidade empírica de viajar no tempo, pois, segundo o professor, o ego é estruturado na temporalidade linear. “No entanto, ele descreve a *Crítica da Razão Pura* como um manual de viagem no tempo, embora de ‘outro tipo’”³ (CCRU, 2022, p. 53) – o que só pode querer dizer transcendental. Na sequência (e final) do texto da CCRU, algo é mais sugerido do que realmente explicado:

A chave é o segredo do Esquematismo, que – embora seja “uma arte oculta nas profundezas da alma humana” – diz respeito apenas ao indizível Abômeno do Fora (*Nihil Ulterius*). Na exterioridade, onde o tempo opera, aquela parte de você que é mais você mesmo não tem nada em comum com o que você é. Quando Templeton caiu em si mesmo naquele dia, encontrou, em vez do que pensava ser, a Coisa (em si (em intensidade zero ())). Era, talvez, ou necessariamente, aquele hipercorpo contínuo – o Espreitador no Umbral – que

² Todas as citações que tiverem, como referência, um texto em outro idioma, não traduzido, será traduzido no corpo do texto e terá seu original nas notas de rodapé. No original: “awoke suddenly as the Thing that lurks behind the mask of Immanuel Kant, coincidentally discovering the transcendental time-machine”.

³ No original: “Nevertheless, he describes the *Critique of Pure Reason* as a time-travelling manual, although of ‘another kind.’”.

H. P. Lovecraft chama de “Yog Sothoth”...⁴ (CCRU, 2022, p. 54).

Nihil Ulterius, a inscrição nas colunas de Hércules que, segundo Kant, a natureza teria erguido para que a razão não prosseguisse para além da experiência possível (KANT, 2015, A 395)⁵. “A lei da mãe: ‘não brinque nos túmulos’” (LAND, 2011, p. 391). O Fora, as profundezas da alma humana, o que está atrás da máscara de Kant e as criaturas de Lovecraft – tudo isso permanece incompreensível, aterrorizante e, ao que parece, intimamente ligado para além do tempo cronológico.

Introdução

The Templeton episode, um exemplar de teoria-ficção da CCRU, instiga algumas questões que não tem a pretensão de responder, sugerindo, no máximo, um caminho possível para respondê-las. A história junta nomes tão distantes quanto o de Immanuel Kant e de personagens de H. P. Lovecraft, Randolph Carter e o enigmático Yog-Sothoth. O elo que os uniria é o professor Randolph Edmund Templeton, personagem da CCRU. O que o texto sugere é que Templeton tenha voltado no tempo e descoberto a si mesmo não como

⁴ No original: “The key is the secret of the Schematism, which - although “an art concealed in the depths of the human soul” - concerns only the unutterable Abomenon of the Outside (*Nihil Ulterius*). In exteriority, where time works, that part of you which is most yourself has nothing in common with what you are. When Templeton fell into himself that day he found, instead of what he thought himself to be, the Thing (in itself (at zero-intensity ())) . It was, perhaps, or necessarily, that continuous hyperbody - the Lurker at the Threshold - which HP Lovecraft names ‘Yog Sothoth’...”.

⁵ A paginação indicada nas referências à *Crítica da Razão Pura* de Kant se refere à edição da *Königlich Preußische Akademie der Wissenschaften*.

Kant, mas como a Coisa que se esconde atrás de sua máscara, que parece ser Yog-Sothoth.

O papel específico de Yog-Sothoth é importante para o conjunto da obra lovecraftiana, o que explica a repetida aparição de seu nome ao longo do trabalho do autor. Segundo o maldito livro *Necronomicon*: “Yog-Sothoth conhece o portal. *Yog-Sothoth* é o portal. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião do portal. Ele sabe por onde os antigos outrora vieram e de onde Eles outra vez hão-de emergir” (LOVECRAFT, 2021, p. 42). Essa entidade habita o limiar do mundo momentaneamente (ou apenas aparentemente) dominado pelos humanos, preparando a chegada daqueles que virão para reclamar seu reino por meio da força. É o que ele tenta fazer em *O horror em Dunwich*, deixando o trabalho para suas proles gêmeas meio-humanas, tendo, porém, seu plano frustrado por um acadêmico da Universidade de Miskatonic que portava o livro maldito.

Na mitologia lovecraftiana, Yog-Sothoth é um dos Antigos, as entidades que, de acordo com o *Necronomicon*, “vagam, não nos espaços que conhecemos, e sim *entre* esses espaços; eles vagam serenos e primordiais, adimensionais e, para nós, invisíveis” (LOVECRAFT, 2021, p. 42). Os Antigos não são invisíveis em si, mas sim para a humanidade, pois Seus corpos não habitam o espaço compreendido pelo entendimento humano. Daí que o contato de um humano com um Antigo engendre loucura no primeiro (como no célebre *O chamado de Cthulhu*): Sua presença excede os limites da razão. O espaço tridimensional – que, segundo Kant (2015, B 37-45), a estética transcendental representa – não se aplica a esses seres. O mesmo pode ser dito sobre a noção de temporalidade pela qual a humanidade se orienta; a descrição da entidade informa que “Passado, presente, futuro são todos

unos em *Yog-Sothoth*” (LOVECRAFT, 2021, p. 42). O tempo é a outra parte da estética transcendental kantiana, ao lado do espaço. Segundo Kant, nossa compreensão do tempo é sucessiva, e não simultânea, de modo que diferentes tempos precisam necessariamente ser representados de acordo com a sucessão e não com a simultaneidade (KANT, 2015, B 47), o que torna a representação de uma entidade como *Yog-Sothoth* impossível para a mente humana.

Os Antigos de Lovecraft “escapam” ao aparelho transcendental do entendimento humano, como a coisa-em-si da filosofia kantiana. Mas isso não é nenhuma novidade. Em um artigo sobre Lovecraft e fenomenologia, Graham Harman diz que “Os Antigos não são senão numênicos”⁶ (HARMAN, 2008, p. 341), e a razão disso já pode ser ao menos parcialmente vislumbrada no exemplo acima. Posteriormente, em seu livro sobre a questão de uma filosofia por trás da obra de Lovecraft, Harman chega a dizer que o escritor de horror é kantiano (ou melhor, “husserliano-kantiano” (HARMAN, 2012, P. 13)) na medida em que considera uma lacuna entre o representável e o incognoscível. Mas não é disso que se trata *The Templeton episode*, e sim da relação entre uma entidade específica e aquilo que não aparece na imagem de Kant. O problema é que, ao contrário do livro de Harman, o texto da CCRU não oferece um argumento, apenas faz sugestões e aproximações que mais confundem do que esclarecem ao leitor típico de Kant (e ao leitor típico de Lovecraft, principalmente). A tese (se é que há uma) da CCRU é mais ousada. Uma vez que a explicação não é encontrada no próprio texto e nem nos compilados da CCRU (*Writings 1997-2003* (2022) e *Abstract culture* (2024)), se há alguma

⁶ No original: “The Old Ones are nothing but noumenal.”

explicação para essa ligação sombria entre Kant e Yog-Sothoth, ela só poderia ser encontrada nos escritos de ex-membros do grupo.

Os dois autores do grupo que mais escreveram sobre Kant são Anna Greenspan, cuja tese de doutorado se chama *Capitalism's transcendental time-machine*, e Nick Land, mesmo em seus escritos que precedem a formação da CCRU. O argumento central da tese de Greenspan foge ao propósito aqui buscado, mas, em um de seus capítulos, a autora aponta para aspectos do conceito de sujeito transcendental que costumam ser apagados pelo vocabulário conceitual de Kant e do kantismo, e isso a partir das considerações de Gilles Deleuze acerca da subjetividade kantiana. Land, por sua vez, destaca o potencial oculto da noção kantiana de intensidade, obscurecida e até mesmo desconsiderada – e logo se verá o porquê – pelo próprio Kant na *Crítica da razão pura*. Essa seleção não abarca tudo o que foi dito sobre Kant pela CCRU e seus membros – o que formaria um corpo teórico grande demais para o tamanho de um artigo –, mas apenas aquilo que pode oferecer uma chave para elucidar o enigma de Kant-Yog-Sothoth.

O eu fraturado

Em sua tese *Capitalism's transcendental time machine*, Anna Greenspan faz importantes comentários sobre Kant a partir de uma conceituação deleuziana. Em particular interessa os comentários sobre o assim chamado paradoxo do sentido interno, uma querela kantiana implícita na exposição da *Estética transcendental* na *Crítica da razão pura*, mas que só se formula completamente na *Dedução transcendental das*

categorias. O paradoxo consiste no fato de que o sentido interno “nos apresenta até a nós mesmos, na consciência, apenas como nos aparecemos, e não como somos em nós mesmos” (KANT, 2015, B 153), ou seja, que o sujeito não é capaz de se representar como é em si, mas apenas como fenômeno, isto é, como é afetado por sua própria atividade. Esse paradoxo deriva necessariamente do método empregado por Kant e das noções de interioridade e exterioridade. Segundo Greenspan,

Com Kant, a divisão entre interioridade e exterioridade corresponde, como vimos, em última análise, à distinção entre o reino empírico da experiência e o plano transcendental, o que significa que, em Kant, o interior é definido como aquilo que ocorre no tempo, enquanto o exterior é deixado para a única coisa que escapa a essa interioridade, ou seja, as forças abstratas e produtivas do próprio tempo (GREENSPAN, 2023, p. 29).⁷

Uma vez que o “plano transcendental” não é, na filosofia kantiana, outra coisa que o sujeito, e o tempo é a forma do sentido interno do sujeito, o exterior é o transcendental. Trata-se de uma consequência necessária da distinção kantiana entre empírico e transcendental: como um é condição para o outro, o sujeito permanece do lado de fora como produção transcendental do tempo. “[O] pensamento do transcendental insiste que o dentro é produzido pela

⁷ No original: “With Kant, the division between interiority and exteriority, as we have seen, ultimately corresponds to the distinction between the empirical realm of experience and the transcendental plane, which is to say that in Kant, the inside is defined as that which occurs in time, while the outside is left to the only thing which escapes this interiority, that is the abstract and productive forces of time itself.”

alteridade do tempo”⁸ (GREENSPAN, 2023, p. 29), isto é, com os conceitos de modificação e de movimento, que “só são possíveis na representação do tempo e por meio dela” (KANT, 2015, B 48). É flagrante o problema que surgirá, portanto, com a intuição de si, representada no juízo “eu penso”, onde precisará ser postulado um eu transcendental e um empírico:

O “eu penso” expressa o ato de determinar minha existência. A existência já está dada aí, mas o modo pelo qual eu deveria determiná-la, i. e., colocar em mim o diverso a ela pertencente, ainda não está dado aí. Para isso se exige a autointuição, em cujo fundamento tem de haver uma forma dada *a priori*, i. e., o tempo, que é sensível e pertence à receptividade do determinável. Como não tenho outra autointuição, contudo, que antes do ato de *determinar* desse em mim o *determinante* – do qual só tenho consciência no que diz respeito à sua espontaneidade – do mesmo modo como o *tempo* dá o determinável, então não posso determinar minha existência como um ser espontâneo; mas apenas me represento a espontaneidade de meu pensar, i. e., do determinar, e minha existência permanece determinável apenas sensivelmente, i. e., como a existência de um fenômeno. (KANT, 2015, B 158).

Na citação acima, Kant explica que o sujeito determinante não pode ser determinado, pois não pode ser intuído. A intuição tem, como condição, as formas da sensibilidade, e em especial o tempo é a forma da intuição interna, ou seja, a forma da recepção do diverso dado internamente no sujeito. Para que algo seja determinado, precisa ser dado na intuição e, depois, ligado pelo *eu penso*; a primeira ação diz respeito à receptividade da sensibilidade, enquanto a segunda pertence à espontaneidade do

⁸ No original: “the thought of the transcendental insists that the inside is produced by the alterity of time.”

entendimento. Assim, Deleuze organiza essa dinâmica em três termos: o indeterminado (eu ativo, atividade espontânea do entendimento), a determinação (*eu penso*, inserção na forma do tempo) e o determinável (eu passivo, fenomênico, determinado no tempo) (DELEUZE, 2018, p. 125). Em poucas palavras: o eu ativo determina o eu passivo pelo *eu penso*. Essa diferença que atravessa o eu kantiano é bem explicitada por Deleuze:

O Eu [Moi] está no tempo e não para de mudar: é um eu passivo, ou antes, receptivo, que experimenta as mudanças no tempo. O *Eu [Je]* é um ato (eu penso) que determina ativamente minha existência (*eu sou*), mas só pode determiná-la no tempo, como a existência de um eu [moi] passivo, receptivo e cambiante que representa para si tão somente a atividade de *seu próprio* pensamento (DELEUZE, 1997, pp. 38-39).

Eis o paradoxo do sentido interno. Esse paradoxo – que é uma consequência necessária do método utilizado por Kant na primeira *Crítica* – traz consigo importantes consequências para a noção de subjetividade, como acentua Anna Greenspan (2023, p. 30): “O eu da filosofia transcendental está paradoxalmente dividido, fraturado por uma linha que separa a consciência de um ego empírico de um ‘Eu Transcendental’ inconsciente”⁹. A autora é extremamente feliz em chamar o eu transcendental de inconsciente, pois 1) o determinável se encontra no tempo, tratando-se, então, de algo empírico, portanto não transcendental, e 2) não há qualquer intuição do eu que não seja sensível, o que implica também que não há percepção do eu transcendental

⁹ No original: “The self of transcendental philosophy is paradoxically split, fractured by a line that separates the consciousness of an empirical ego from an unconscious, ‘Transcendental I.’”

enquanto tal, e mesmo seus atos só são intuídos sob a forma do tempo; sendo assim, o eu transcendental permanece invariavelmente inconsciente. Assim, há um eu transcendental que é não somente um sujeito lógico simples, mas algo de inconsciente, e há também um eu empírico submetido à forma do tempo, um fenômeno desprovido de atividade e espontaneidade, completamente passivo. É com muita astúcia que Deleuze relembra a célebre frase de Rimbaud, que se aplica também a essa querela kantiana: “Eu é um outro” (DELEUZE, 1997, p. 38). Por trás do senhor Immanuel Kant empírico que seus contemporâneos conheceram, havia algo de incognoscível – até mesmo para o próprio Kant.

Grau zero

Como vimos, o sujeito kantiano é dividido em dois pelo tempo, de modo que o eu empírico, passível de se tornar objeto, se dá no interior do tempo, isto é, no sentido interno, enquanto o eu transcendental permanece fora do tempo, assim como a coisa-em-si. Se o fenômeno tem, como correlato, a coisa-em-si, e o eu empírico é também um fenômeno, a posição do eu transcendental em relação a ele é a mesma que a de uma coisa-em-si em relação a um objeto de experiência. A diferença fundamental entre o eu transcendental e a coisa-em-si é que o último está simplesmente fora do tempo, ao passo que o primeiro não apenas está fora, mas também produz os fenômenos no tempo, ou ainda, é o tempo, a forma de sua interioridade. Esses dois conceitos poderiam, à primeira vista, dificultar a manutenção da ideia de que a filosofia kantiana é imanente. A tarefa de Kant na primeira *Crítica* é, desde o início, o de

denunciar o desejo de transcendência e suas ilusões, advogando por um uso imanente das faculdades, mas isso não faz com que o autor negue o fora; ao contrário, o fora é condição para o dentro, pois é de lá que a forma do sentido interno é produzida. Além disso, Kant lembra que “[c]omo o tempo é tão somente a forma da intuição, portanto dos objetos como fenômenos, aquilo que neles corresponde à sensação é a matéria transcendental de todos os objetos como coisas em si” (KANT, 2015, B 182), ou seja, no fora está (de maneira não espacial) também a coisa em si como condição, isto é, matéria transcendental para os fenômenos. O que se torna progressivamente mais evidente é que a filosofia imanente de Kant precisa negociar com o fora incessantemente.

O eu transcendental é, também, numênico na medida em que é separado da experiência pela forma do tempo, tão numênico quanto a matéria transcendental dos fenômenos, embora Kant mantenha uma distância abissal entre esses dois termos. Segundo Land (1992, p. 110), “[o] númeno é a ausência do sujeito, e é, assim, inacessível à experiência em princípio”¹⁰. O númeno é o ponto zero da experiência, seu limite absoluto. Land argumenta que, caso se fale em um sujeito numênico, isso se dá unicamente pela descoberta de um estrato da subjetividade que não se submete ao tempo, mas é, antes, sinônima dele (1992, p. 110). Esse estrato da subjetividade, porém, é não somente uma ausência de sujeito, uma vez que excede os limites da experiência e escapa à forma do sentido interno, mas também uma ausência *do* sujeito, isto é, seu limite exterior, o ponto

¹⁰ No original: “The noumenon is the absence of the subject, and is thus inaccessible in principle to experience”.

excessivo para a experiência que é o mesmo que sua morte. Apesar desse resquício de humanismo que força Kant a localizar o transcendental no sujeito, seus próprios escritos dão indício de que o campo transcendental é inóspito para algo como a subjetividade, mesmo para seu estrato mais basilar e despersonalizado.

O nada é uma maneira adequada de considerar o númeno. Ao final da *Analítica dos princípios*, Kant categoriza quatro tipos de nada: *ens rationis*, *nihil privativum*, *ens imaginarium* e *nihil negativum*. O que mais nos interessa é o primeiro:

Aos conceitos de tudo, muitos e um se opõem àquilo que os suprime, i.e., o de *nenhum*, e, assim, o objeto de um conceito a que não pode ser fornecida nenhuma intuição correspondente é = nada, i.e., um conceito sem objeto tal como os *noumena*, que não podem ser contados entre as possibilidades, mas que nem por isso têm de ser tomados como impossíveis (*ens rationis*) (KANT, 2015, B 347).

O númeno é nada enquanto conceito vazio sem objeto. A ausência de objeto para o conceito denota a fuga do númeno em relação ao esquematismo do sujeito, o que indica que númenos não acompanham a temporalidade do sujeito. O númeno só é objeto na medida em que excede as formas que condicionam a experiência, isto é, na medida em que objeto nenhum é possível, sendo, então, nada.

Em termos intensivos, o nada equivale a zero. No capítulo do *esquematismo dos conceitos puros do entendimento*, Kant desenvolve seu conceito de realidade, segundo o qual é apresentado “em si mesmo um ser (no tempo)”; o autor ainda acrescenta que “a negação é aquilo

cujo conceito apresenta um não ser (no tempo)” (KANT, 2015, B 182). A realidade comporta, portanto, os fenômenos, que já estão, por definição, sob a forma do sentido interno, enquanto o conceito de negação corresponde ao *ens rationis*, ou seja, um conceito que não tem objeto, dado que não há objeto sem tempo, isto é, sem intuição. De certo modo, o conceito de negação (não) apresenta nada. Kant descreve a possibilidade da passagem gradativa da realidade à negação – ou, se quiser, do fenômeno ao númeno: “Agora, cada sensação tem um grau ou quantidade segundo o qual ela pode, em relação à mesma representação de um objeto, preencher mais ou menos o mesmo tempo, i. e., o sentido interno, até chegar ao nada (= 0 = *negatio*)” (KANT, 2015, B 182). A sensação – quantificada intensivamente – é a influência sobre o sentido. O real é, portanto, aquilo que corresponde à matéria transcendental que afeta o sentido, enquanto o afeta, ao passo que a negação é não tanto a ausência da matéria transcendental, mas, novamente, a ausência do sujeito.

Nas *antecipações da percepção*, Kant volta atrás na descrição do movimento gradativo que vai de uma quantidade qualquer de realidade à intensidade zero. Nesse segundo momento, o polo oposto ao do real não é a negação simplesmente, mas a intuição pura, esvaziada de sensação. Uma vez que os fenômenos, isto é, a percepção depende da influência do real na consciência empírica, Kant posiciona, no polo oposto, a pura intuição do tempo e do espaço enquanto formas da sensibilidade, o que representa uma intuição inteiramente formal:

Da consciência empírica à pura, portanto, é possível uma modificação gradativa, em que o real da mesma acaba por desaparecer inteiramente e permanece uma consciência

meramente formal (*a priori*) do diverso no espaço e no tempo: também, portanto, uma síntese da produção de quantidades em uma sensação, desde o seu princípio, a intuição pura = 0, até uma quantidade qualquer da mesma (KANT, 2015, B 208).

Ainda no mesmo parágrafo, Kant se refere à intensidade 0 como = nada. Não parece imediatamente adequado afirmar que intuição pura = 0 = nada = númeno, mas é a isso que a escrita de Kant nos leva em uma leitura rigorosa. A mudança da negação à intuição pura (no polo oposto à realidade) pode ser compreendida como a resposta de um “sentido interno imunizado”¹¹; segundo Land, “[a]ssim como Kant domesticou o númeno ao defini-lo como um objeto, ele domestica a intensidade zero ao concebê-la como consciência pura”¹² (LAND, 1992, p. 115). Aqui, assim como em outros momentos citados anteriormente, Kant dispõe de um sistema de segurança que dispara limites, omissões, trocas e afins que protegem sua filosofia transcendental da crítica, isto é, do elemento mesmo que reduziria o lugar do humano (ou do sujeito) a um mero resquício do humanismo da tradição filosófica. O autor precisa se proteger de sua própria descoberta indomável.

Levar a frente o que foi afirmado acima significa dizer que a intuição – ou consciência – pura não difere do númeno, o que é o mesmo que dizer que o sujeito transcendental é nada = 0. É verdade, porém, que Kant nunca afirmaria isso, o que torna a troca pela intuição pura uma espécie de autossabotagem por parte do autor. Mas a pureza (da intuição) tem, de acordo com Land, uma função nesse

¹¹ No original: “immunized inner-sense”.

¹² No original: “Just as Kant domesticates the noumenon by defining it as an object, so he domesticates zero-intensity by conceiving it as pure consciousness”.

contexto, “que é a da subjetificação da abstração, ou da sublimação da morte em uma faculdade do sujeito”¹³ (LAND, 1992, p. 116). Ao invés de assumir a ausência do sujeito no *locus* da intensidade zero que produz o tempo, isto é, no transcendental, Kant torna o zero abstrato no sujeito mesmo ou em uma faculdade sua, a intuição pura, omitindo que essa faculdade representa a ausência de experiência do sujeito ou, ainda, sua experiência-limite por excelência: a morte. Kant pode não afirmar nada disso, mas o contrário também não ocorre, como Land bem nota: “Kant não nega que a consciência pura é esquecimento, morte ou o sujeito em si – o que significa dizer que é nada (=0) –, ele simplesmente foge da questão, relegando-a implicitamente à imaginação”¹⁴ (LAND, 1992, p. 116). Tornando intercambiáveis a negação e a intuição pura, fica evidente que a descontinuidade entre sujeito transcendental e matéria transcendental faz parte de um procedimento posterior de diferenciação (ou, ainda, de produção de identidade), um processo de estratificação que subjetifica uma região do campo transcendental, capturando e segmentando o que era contínuo.

Conclusão

Em última instância, o sujeito transcendental kantiano é a própria coisa-em-si ao grau zero de intensidade. Mais do que isso: ele é o próprio tempo em si em intensidade zero (LAND, 2011, p. 369). Tratando-se do sujeito

¹³ No original: “which is that of the subjectification of abstraction, or the sublimation of death into a power of the subject”.

¹⁴ No original: “Kant does not deny that pure consciousness is oblivion, death, or the subject in itself – which is to say that it is nothing (=0) – he simply evades the issue, implicitly consigning it to the imagination”.

transcendental, não é contraditório dizer que ele é coisa-em-si e tempo-em-si, pois ele constitui a matéria transcendental da sensação na autointuição e é, também, a forma pura da intuição interna. O eu empírico que o próprio sujeito e os demais podem tomar como objeto do conhecimento não passa de uma representação, um eu passivo. Nesse sentido, a CCRU está correta em afirmar que “[n]a exterioridade, onde o tempo opera, aquela parte de você que é mais você mesmo não tem nada em comum com o que você é” (CCRU, 2022, p. 54).

O enigma de Templeton começa a ser deslindado. Ao acordar, ele não o fez enquanto Kant, que não passa de um eu empírico inserido no tempo linear e sucessivo da intuição humana. Templeton acordou como a Coisa por trás da máscara de Kant, o Espreitor no Umbral que não está *no* tempo, pois o tempo é que é unificado nele. Ele era “a Coisa (em si (em intensidade zero ()))” (CCRU, 2022, p. 54) que reside por trás de todo sujeito empírico.

A chave realmente era o segredo do esquematismo, isto é, que o esquema do entendimento deixa de fora tudo o que tem intensidade real menor que 1, o que inclui a própria produção transcendental do tempo, a intuição pura. Trata-se de um segredo, pois, segundo Kant, a própria natureza teria deixado sua marca de advertência para que não se tentasse ultrapassar os limites do entendimento (KANT, 2015, A 395). Não se deve tentar conhecer o Fora. Na isolada Dunwich, Yog-Sothoth teve dois filhos com uma humana albina que vinha de uma família que mexia com o oculto. Um deles é o estranhíssimo Willbur Whateley que, apesar da horrível configuração, parecia humano – a não ser em seu leito de morte, em que seu corpo começara a lembrar membros de animais não-humanos. Willbur morreu tentando roubar o

exemplar do *Necronomicon* que pertencia à livraria da Universidade de Miskatonic, a fim de, ao que parece, dominar seu irmão gêmeo e abrir o portal (seu pai) para a vinda dos Antigos. O gêmeo sem nome mal poderia ser descrito ou sequer compreendido: “Apenas a menor fração da coisa era composta, de fato, por aquilo que conhecemos como matéria” (LOVECRAFT, 2021, p. 73). Segundo relatam, a criatura era gêmea de Willbur, “mas puxou mais ao pai do que ele”, “já que possuía uma porção maior de *exterioridade* [*outsideness*] em si” (LOVECRAFT, 2021, p. 73).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CCRU. **CCRU Writings 1997-2003**. Falmouth: Urbanomic, 2022.

DELEUZE, Gilles. *Sobre quatro formas poéticas que poderiam resumir a filosofia kantiana*. In: **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GREENSPAN, Anna. **Capitalism's transcendental time machine**. London, Ontario: Miskatonic Virtual University Press, 2023.

HARMAN, Graham. *On the horror of phenomenology: Lovecraft and Husserl*. In: MACKAY, Robin (ed.). **Collapse vol. IV**. Falmouth: Urbanomic, 2008.

HARMAN, Graham. **Weird realism: Lovecraft and philosophy**. Winchester: Zero Books, 2012.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

LAND, Nick. **The thirst for annihilation: Georges Bataille and virulent nihilism: an essay in atheistic religion**. London: Routledge, 1992.

LAND, Nick. **Fanged noumena: Collected writings 1987 – 2007**. Falmouth: Urbanomic; New York: Sequence Press, 2011.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **H. P. Lovecraft: medo clássico**. Tradução de Ramon Mapa da Silva. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **Medo clássico 2**. Tradução de Ramon Mapa da Silva. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.